Universidade do Estado de Minas Gerais
Programa de Pós-graduação em Design
Mestrado em Design

Glauco Honório Teixeira

Mestrando em Design, Inovação e Sustentabilidade.

GENEALOGIA DOS MODOS DE VIDA EM BELO HORIZONTE

Interiores e cotidiano na capital nos anos 1910 a1930

RESUMO

O artigo pretende mostrar aspectos da vida cotidiana em Belo Horizonte nas décadas de 1910 a 1930, a fim de criar um panorama sobre os modos de viver e de morar no início do século XX na cidade recém-inaugurada. Recupera os espaços interiores, suas características, particularidades e os costumes e hábitos de seus moradores, como forma para refletir de que maneira o design da cidade, suas ruas e seus edifícios, interfere nos hábitos cotidianos de seus moradores.

Palavras-chave: Belo Horizonte, século XX; Interiores, décadas de 1910 a 1930; Cotidiano, modos de vida.

1 – INTRODUÇÃO
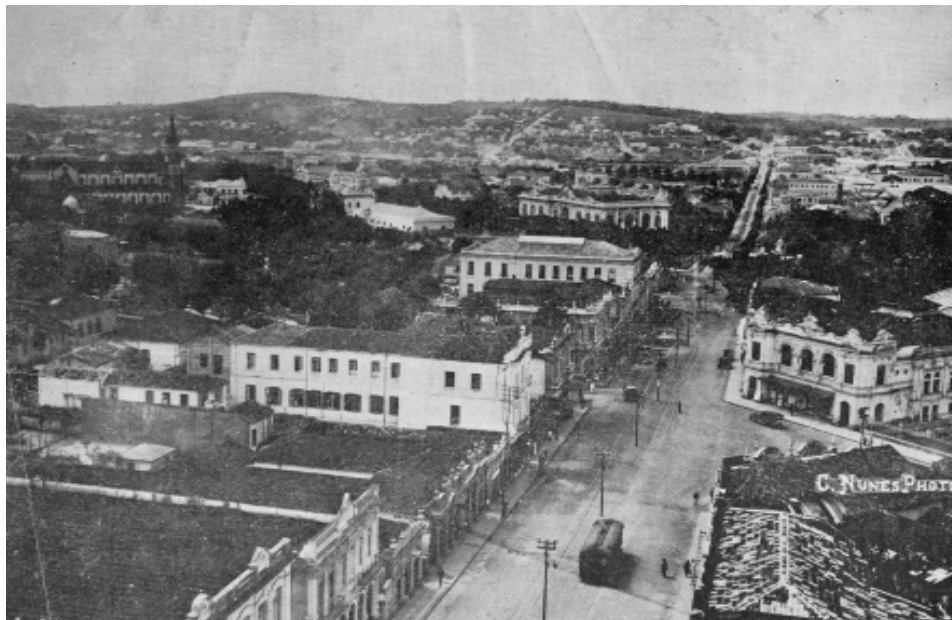
Figura 1: Rua da Bahia esquina de Goiás, entre 1910 e 1920 – Acervo MHAB

Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais, como a conhecemos hoje, tem muito pouco da cidade planejada por Aarão Reis e seus companheiros da Comissão Construtora da Nova Capital no final do ano de1897. Entretanto, se queremos entender quais são os modos de viver, o cotidiano e as residências hoje nesta cidade, é necessário compreender suas origens, e as origens dos seus modos de vida . Apesar de ter sido inaugurada no final do século XIX, a cidade só se estabeleceu e veio a cumprir efetivamente seu destino por volta da segunda década do século seguinte, quando o ”coração urbano” da cidade naqueles anos e nos seguintes passou por importantes mudanças e modernizações (eletrificação, bondes, construção de escolas, lojas e novas casas). Belo Horizonte (ver fig. 1) é retratada por Eneida Maria de Souza[1] como cidade de “caráter provinciano e conservador”, resistente ao modernismo- caráter que só veio a ser

[1]SOUZA, Eneida Maria de (Org.) *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p22 a 24.

modificado por Juscelino Kubitscheck quando prefeito em sua iniciativa de promover a *Exposição de Arte Moderna* em 1944, cuja meta era ”transformar a cidade num fórum de debates em torno das tendências mais atuais da cultura” e dar a conhecer ao resto do país a recém-inaugurada obra da Pampulha (SOUZA,1998). Aquela Belo Horizonte pré-moderna dos anos 1910 a 1930, ainda sem a verticalização dos seus edifícios de arquitetura em estilo eclético, é que nos interessa investigar.

Figura 2: O comércio na Av. Afonso Pena. 1910 a 1930.
In: Silva, Luiz Roberto da. *Doce Dossiê de BH*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1998. p. 117.

2 - A CIDADE

Nos primeiros anos do século XX surgiram as mais importantes transformações que conduziram a capita, de pequena cidade ainda pouco habitada nos anos 1910, para a cidade que iria cumprir seu destino traçado nos desenhos dos seus planejadores e no desejo de seus primeiros habitantes. Aquela cidade não mais existe (ver fig. 2), a não ser na lembrança de alguns e nos registros do Patrimônio, do Arquivo Público e do Museu Histórico.

Fotografias, livros, documentos e relatos revelam seus bairros, suas ruas, suas casas e edifícios, e também os moradores de então e seus modos de vida.

Figura 3: Inauguração da Nova Capital.
In: MAGALHÃES, Beatriz de Almeida e ANDRADE, Rodrigo Ferreira. *Belo Horizonte: um espaço para a República*, Belo Horizonte: UFMG, 1989. p. 84.

No dia 12 de dezembro de 1897- há 113 anos - é inaugurada a nova capital do estado de Minas Gerais (fig. 3), sendo chamada "Cidade de Minas". Sua construção teve início em 1894, seguindo um traçado geométrico uniforme como um tabuleiro de xadrez feito por Aarão Reis, engenheiro-chefe da Comissão Construtora da Nova Capital, inspirado em conceitos urbanísticos franceses nos quais se buscava uma concepção "científica" da cidade baseada em procedimentos higiênicos, tais como abastecimento de água, rede de esgotos, ruas e avenidas retas e largas, além da divisão de sua área em zonas urbana, suburbana e rural. Em apenas quatro anos foi erguida a cidade no lugar do povoado de nome Curral d'El Rei, conforme o plano do novo regime republicano recém-instalado no poder pelo golpe militar de1889. Assim nos diz Letícia Julião no livro BH: Horizontes Históricos: "[...] Belo Horizonte figura como a obra simbólica de maior envergadura da República em Minas." [2]

Não foi sem trauma que os moradores de Ouro Preto vinculados à administração pública se viram transferidos para a nova capital, a Cidade de

---

[2] BH: Horizontes Históricos / organizadora: Eliana de Freitas Dutra – Belo Horizonte: C / Arte, 1996, p. 49.

Minas, que em 1901 teve seu nome mudado para Belo Horizonte. Tudo na cidade parecia estranho e motivo de descontentamento, como observa Monteiro Lobato numa crônica da época: “[...] uma escassez de gente pelas ruas larguíssimas, a cidade semi-construída, quase que apenas desenhada a tijolo , no chão, um prédio aqui outro lá, tudo semi-feito – e a tudo envolver um pó finíssimo e finíssimamente irritante [...]”[3]. Até mesmo as ruas retas e largas seriam motivo de reclamação por parte dos novos moradores mais afeitos aos becos e vielas de Ouro Preto.

Todavia nem só de ouropretanos se compunha a população de Belo Horizonte naquele início da década de 1920. Além dos funcionários públicos, havia muitos comerciantes e operários da construção da cidade, estudantes de diversas cidades do interior e suas famílias, atraídos pelas faculdades de direito, medicina e outras escolas. Segundo estatística de 1929, Belo Horizonte tinha apenas 108.849 habitantes e mal ultrapassava os limites da Avenida do Contorno a não ser em poucos bairros como a Serra, o Calafate, o Carlos Prates, Bonfim e outros poucos (NAVA, 1981, p. 452).

Os locais mais freqüentados da cidade eram as escolas e repartições públicas, os cinemas, o teatro, o Clube Belo Horizonte, os cafés, bares e confeitarias, o comércio em geral - em especial o da Rua da Bahia. Sem falar nos lupanares, bordéis e demais casas suspeitas. Destaca-se também o “footing” praticado preferencialmente nas imediações do Bar do Ponto (onde hoje fica o Othon Palace, ver fig. 4), confluência de Bahia com Afonso Pena, Goiás e Goitacases. Ali a fina flor da sociedade belorizontina desfilava, via e era vista. Ali e ao redor estavam localizados os estabelecimentos já citados em sua maioria, incluídos o Cine Odeon - o melhor freqüentado, o Teatro Municipal e o Café e Confeitaria Estrela. E ainda era ali o local da Estação dos Bondes, o primeiro e, então único, meio de transporte coletivo da capital. Entende-se, pois a importância quase mítica imputada ao Bar do Ponto, que não denominava somente o estabelecimento em questão, mas toda a região à sua volta. Ali a cidade tinha o seu *genius loci*[4], na acepção mais verdadeira: o espírito do lugar. Esse espírito ou essência se dava pela sua localização, em frente do ponto de partida dos bondes, e pela força do conjunto formado pelo seu distinto

---

[3] Apud BH: Horizontes Históricos. Op. Cit., p. 62.

entorno diversificado de atrativos culturais, comercias, institucionais e sociais sem igual naqueles tempos na cidade.
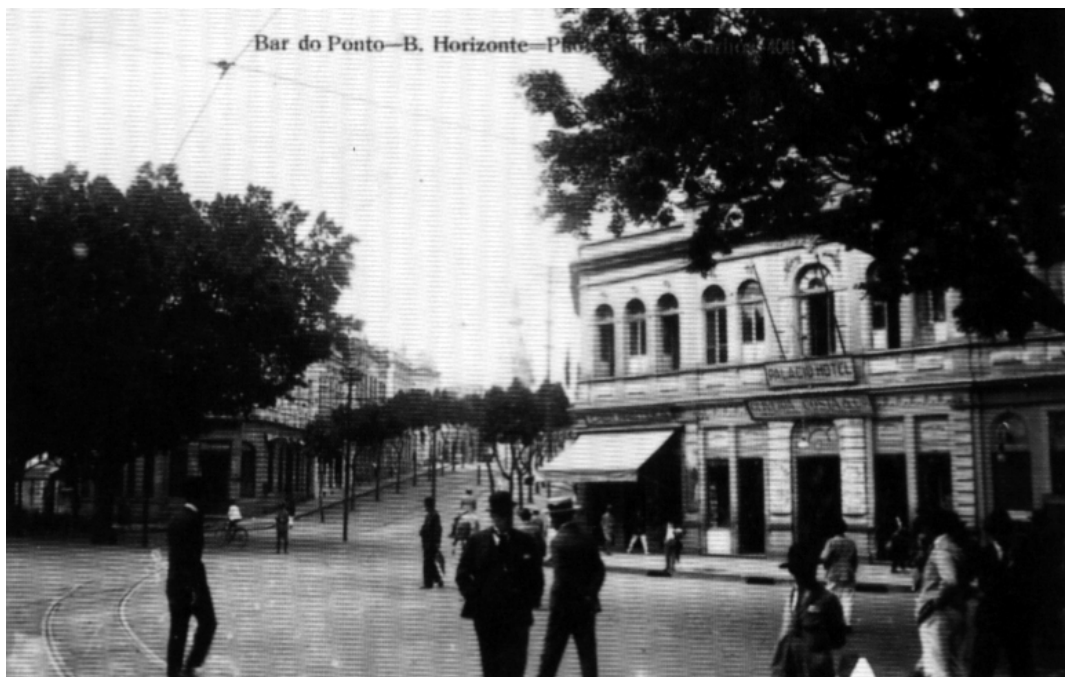
Figura 4: Bar do Ponto em 1922.
In: *Bello Horizonte: bilhete postal Coleção Otávio dias Filho*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, p.124

Mas, apesar de ser considerado o coração da cidade, Belo Horizonte não era apenas o Bar do Ponto e a Rua da Bahia. Também importante era a Praça da Liberdade (fig. 5), situada em um ponto de topografia elevada da cidade, para onde convergem avenidas largas, cenário planejado para colocar em foco o poder personificado no Palácio da Liberdade e nas Secretarias – na época só estavam concluídas três: a da Agricultura (hoje Obras Públicas), a das Finanças (hoje da Fazenda) e a do Interior (hoje da Educação). Além de centro administrativo estadual, a Praça da Liberdade já começava a se transformar em ponto de lazer.

Ali também havia o "footing" dos rapazes e moças, essas sempre acompanhadas de pais ou irmãos atentos. Também a praça era o palco de esparsas manifestações populares como os desfiles e paradas de 7 de setembro e 15 de novembro. Manifestações políticas, como os comícios, tinham na praça seu lugar, e era ali que os governantes e outras autoridades

---

[4] conjunto de características sócio-culturais, arquitetônicas, de linguagem, de hábitos, que caracterizam um lugar, um ambiente

recebiam homenagens populares. A praça assim intermediava a relação entre o poder e os cidadãos, uma relação distante, contida e civilizada “orquestrada pela batuta do Palácio da Liberdade” (BH: Horizontes Históricos, 1996, p. 78).

Figura 5: Praça da Liberdade nos anos 1910, quase sem edifícações.
Fonte: MHAB.

Outro espaço público digno de nota é o Parque Municipal, à época aberto ao livre trânsito de pessoas e muito maior do que hoje – tinha 640 mil metro quadrados contra os pouco mais de 180 mil hoje - antes de ter desmembrada e doada boa parte de sua área para os mais diversos fins, como a Faculdade de Medicina, o Campo do América e outros.

O parque com seus lagos, cascatas, jardins e gramados sombreados, era um grande quadrado de 800 x 800 m incrustado bem no centro da área urbana (fig.7), mas protegido do tráfego da rua, possibilitando concertos, passeios, festas ao ar livre, corridas de bicicletas no Velo Clube, pic-nics e reuniões. Aos poucos foi se tornando mais popular e foi abandonado pelas elites.

Como se pode ver pelas figuras 7 e 8, já no final da década de 1930 o parque tinha perdido toda a área à margem direita do ribeirão Arrudas. Mas, assim mesmo pode-se perceber a delicadeza do traçado (fig. 6 e 7) feito pelo paisagista francês e membro da comissão construtora, Paul Villon. Ainda mais tarde, veio a área verde ser mais uma vez mutilada para a construção do Palácio das Artes, em substituição ao Teatro Municipal que fora vendido e

aberto em seu lugar o Cinema Metrópole, que também por sua vez não existe mais. A cidade vai assim cumprindo seu destino de cidade-palimpsesto, com sucessivas construções e demolições e substituições ininterruptas.
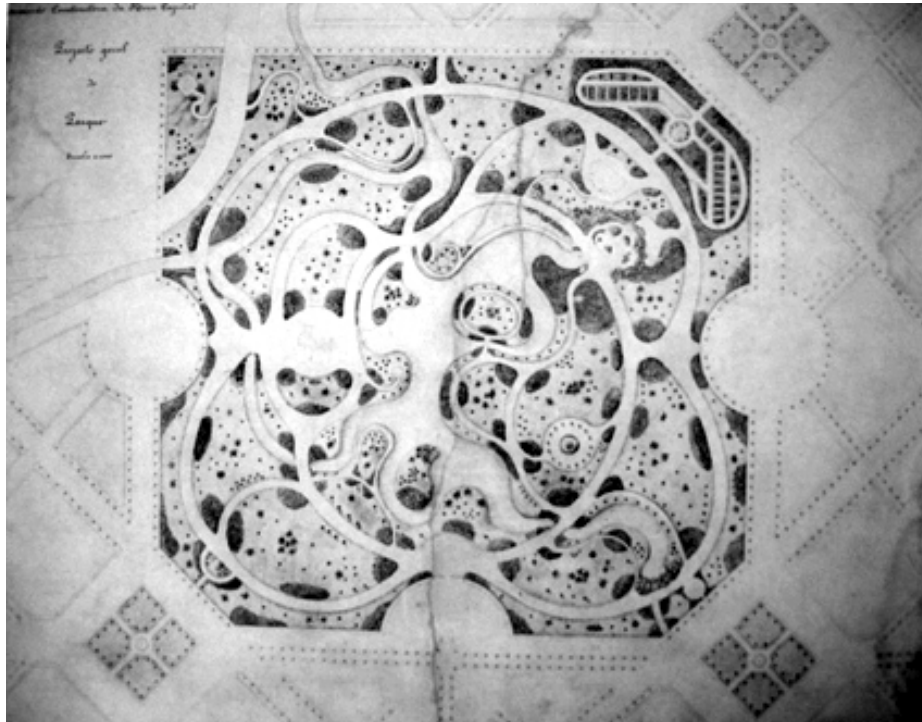
Figura 6: Planta original do Parque Municipal.
In: TEIXEIRA, Carlos M. – *Em Obras: História do Vazio e Belo Horizonte,* São Paulo: Cosac e Naify, 1999, p.74.

Figura 7: vista aérea do parque em 1938.
In: *Parque Municipal – Crônica de um século* – Belo Horizonte: Companhia Vale do Rio Doce CVRD, 1992. p. 70.

3 - O BAIRRO DOS FUNCIONÁRIOS.

> *(...)Bairro dos Funcionários. Nome quieto, cheio de pachorra burocrática, do perfume dos jardins, das árvores, das sombras; da humanidade dos muros de (...), de horas lerdas... Tudo tão Mariana, tão Ribeirão do Carmo, tão Ouro Preto...*[5]

O bairro, no início homogêneo em sua aparência (ver fig. 8), guardava uma hierarquia e estratificação social bem definida. “Pernambuco, Paraíba e Santa Rita Durão, aristocráticas e o resto do Funcionários ainda cheio da *Saudade de Ouro Preto*; João Pinheiro e Praça da Liberdade dos altos servidores [...]” (NAVA,195, p. 267).

Figura 8 – Rua Sergipe entre Aimorés e Gonçalves Dias, 1930.
In: *Sedução do Horizonte/ Organização, pesquisa e introdução Laís Corrêa de Araújo.* Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1996, p. 159

Ali era o lugar pensado para se instalarem os funcionários públicos estaduais transferidos de Ouro Preto, a quem foram doados lotes previamente reservados (previsto no projeto de Aarão Reis), e para estes foram projetados sete tipos de casas designados por letras A, B, C, D, E, F e G. A menor e mais simples era a do tipo A (fig. 9 e 10) e assim sucessivamente maiores e melhores eram as de B até G (MENEZES, 1997, p. 38). Este fato mostra uma

---

[5] NAVA, 1981, p. 333.

clara a tentativa de enquadrar de uma forma racionalista, bem ao gosto da época, a hierarquização social e a ocupação dos espaços urbanos dentro dos limites da avenida do Contorno. O tempo veio mostrar que esse controle e essa estratificação não saíram como planejados, durando somente até o início da verticalização da cidade na década de 1930-1940.

Figura 9: casa tipo A ou B – talvez tenha pertencido a um dos primeiros funcionários. In: Moura, Maurício I. Pinto de – *Primeiras casas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Escola de arquitetura – Universidade de Minas Gerais, 1961. s/ p.

> *Nossa casinha em Aimorés tinha quatro cômodos. Sala de entrada, de visitas, com [...] o piano e os dois dunquerques. Sobre estes, o par de vasos [...] de vidro fosco, com ramalhetes coloridos, bordas, alças e pés prateados. O lampião azul do Halfeld, os álbuns de retratos. Na parede o Sagrado Coração e ampliação dum retrato de meu Pai.[...]. Esta sala dava no meu quarto onde havia duas camas de solteiro [...]. Aí ficavam o guarda-casaca e a escrivaninha de meu Pai [...]. Meu quarto era escuro do arvoredo da rua que fazia nele uma sombra verde e triste. Mas alegrava-o pintura impressionista tirada de revista alemã [...] as oleografias de São Pedro e São José nas cabeceiras das camas [...]. Vantagem enorme desse quarto: dava para a rua, a janela era baixa e fácil de pular para fora nas minhas sortidas noturnas [...]. A outra porta da sala de visitas dava para a sala de jantar onde a peça principal era o "buffet-crèdence" [...]. Havia ainda uma mesa e o guarda-comidas. Para esta sala dava o quarto de minha Mãe que dormia em cama de casal com uma de minhas irmãs, ao lado a cama da outra.[...]. Esse quarto era atufalhado ainda por um guarda-roupas, mesa de cabeceira, uma máquina Singer e uma máquina de ponto-à-jour-e-picot com que nossa Mãe aumentava nossa renda. A sala de jantar abria-se numa varanda [...]. Nela*

ficavam as sobras de móveis que não tinham cabido nos quartos, nas salas e aí se abriam as portas da cozinha e do sanitário com a banca, a pia e sua banheira de cimento. Mas o encanto maior da casa era o vasto quintal cheio de mangueiras, mamoeiros e goiabeiras.[6]
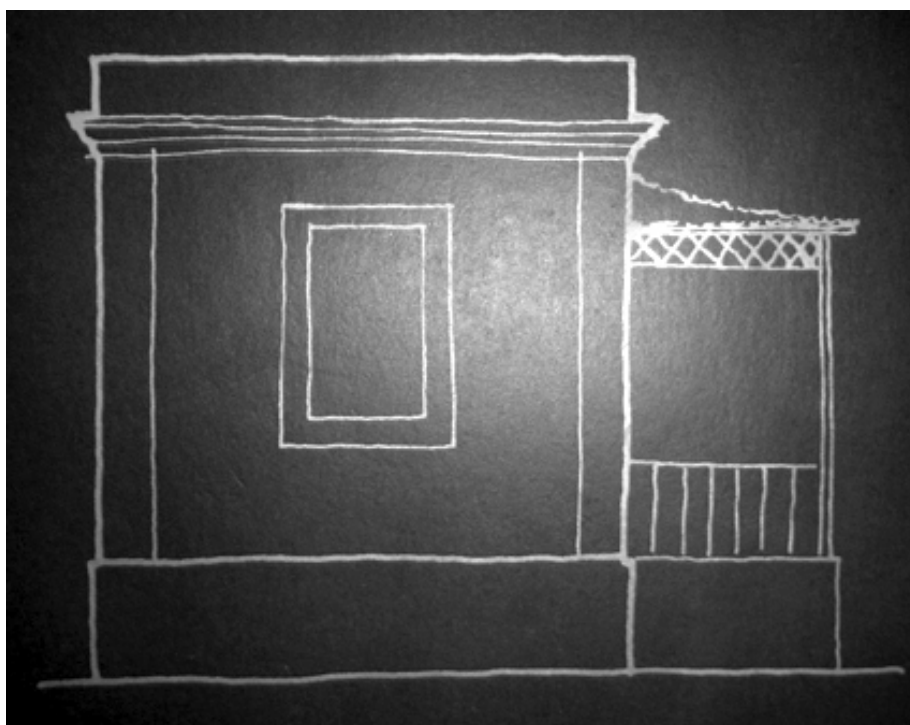
Figura 10: desenho - fachada casa tipo A – a mais simples.
In: Menezes, Ivo Porto – *Belo Horizonte, residências, arquitetura*. Belo Horizonte: Grupo Geraldo Lemos Filho, 1997, p. 39.

A Igreja da Boa Viagem tinha importante papel polarizador em toda a região do Funcionários, com as missas, rezas, festas e barraquinhas, e era local do contato entre vizinhos nessas ocasiões. Enquanto a antiga matriz (fig. 11) foi mantida, essas atividades conviviam com a construção da nova matriz. Hoje, ali está um edifício em estilo neo-gótico e dentro dos preceitos de racionalidade estabelecida pelo projeto da comissão construtora, em perfeito alinhamento com a geometria das ruas e quarteirões à sua volta. O que não há mais é aquele antigo congraçamento e o contato pessoa dos vizinhos nos eventos religiosos.

[6] NAVA, 1985, p. 223, 224 e 225.

Figura 11: Antiga Matriz da Nossa Senhora da Boa Viagem
In: *Álbum de vistas locaes e das obras projectadas para a edificação da nova capital sob direção do engenheiro chefe Aarão Reis*. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, 1997/ porta-folio, s/ p.

4 - FORA DA AVENIDA DO CONTORNO

Belo Horizonte na passagem dos anos 1910 para 1920 se encontrava em processo de transformação. Os bairros fora da Avenida do Contorno por aqueles dias eram não mais que um desolado grupo de casas esparsas, quase escondidas em meio à vegetação ou à poeira das encostas da Serra do Curral. Assim era o Bairro da Serra (ver fig. 13), e o interior de uma dessas casas, os móveis e utensílios domésticos são assim recordados por Pedro Nava:

[...] estou vendo o guarda-comidas no seu canto, o buffet-crédance com os restos dos cristais e das pratas [...], a mesa patriarcal, a cadeira de balanço, as cadeiras austríacas. A mobília clara da sala, com os dois dunquerques, as jarras de Juiz de Fora e um mancebo do Bom Jesus. Sabem o que é? Em Minas dá-se o nome de mancebo a cabides de haste torneada que sustentam suportes para chapéus e capas e capotes. Têm três ou quatro pés e ficam nos vãos de portas e cantos de paredes.[7]

Outro costume perdido no tempo revela uma curiosidade típica daqueles tempos pacatos de cidade ainda pequena e precária, mas apresenta uma solução bem adequada para o problema do abastecimento, no caso do leite (fig. 12):

Ah! Manhãs da Serra no alvorecer de Belo Horizonte... Carroças de leiteiros com grandes tambores de metal branco cada um de vinte canadas. A abertura de suas tampas complicadas e o leite passado para as vasilhas de casa pela grande concha do leiteiro.[8] (ver figura 12)

Figura 12: Leiteiro e sua carroça.
In: *Belo Horizonte e o comércio: 100 anos de história*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. p.73.

---

[7] NAVA, 1976, p. 140.

[8] NAVA, 1976, p.146 e 147.

Figura 13: Rua Chumbo (hoje, Estevão Pinto) – Bairro Serra– entre 1910 e 1920.
Fonte: MHAB

5 – OS MODOS DE VIDA E AS RUAS DE BELO HORIZONTE

As pessoas tinham o hábito de visitar as casas de seus amigos mais chegados e o faziam também por causa da amizade com suas mães, pais e avós. A vida social e os relacionamentos tomaram grande impulso nesses dias na segunda metade dos anos 20, época em que Belo Horizonte e o mundo passaram por algumas mudanças dignas de nota. “Era 1920: mesmo sem bombas e sem que o percebêssemos, fechava-se a *belle époque* e abriam-se *les années folles.* Ia começar o Século Vinte. Não o cronológico, mas o verdadeiro “. (NAVA, 1976, p. 254).

O grupo de escritores e intelectuais que depois seriam conhecidos como os pioneiros do modernismo em Minas Gerais, o *Grupo do Estrela* – nome emprestado do Café e Confeitaria Estrela - onde se reuniam Alberto Campos, Emílio Moura, Pedro Nava, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade, e juntos acompanhavam as notícias do mundo: morte de Rilke, morte de Rodolfo Valentino, ascensão de Mussolini e tomada de posição antifascista (e depois antinazista). Encontravam-se sempre de tarde, já que todos estudavam pela

manhã nas suas faculdades. Os locais desses encontros eram a Livraria Alves, o Café e Confeitaria Estrela e o Cinema Odeon, todos na rua da Bahia nas proximidades do Bar do Ponto (Av. Afonso Pena). Tinham por hábito freqüentar a Livraria Alves à tarde e o Cine Odeon à noite, e o Estrela era freqüentado então duas vezes ao dia: de tarde para um café, depois do Alves, de noite a cerveja, depois da sessão do Odeon. O fato é que talvez por essa dupla freqüência diária os *moços da rua da Bahia* passaram a ser conhecidos como o *Grupo do Estrela.*

Segue uma descrição do interior do salão do Estrela:

> *O salão do Estrela era um prodígio de decoração belle-époque. Mal comparando, pelo luxo das madeiras entalhadas e pelos espelhos – aquilo era a Confeitaria Colombo de Belo Horizonte. Havia cinco portas de frente. Serviam só as três do meio porque as dos extremos tinham sido viradas em vitrines onde se exibiam bebidas caras, queijos estrangeiros, latarias. Quem entrava dava logo com a vista num par de estantes, uma de cada lado do café, com prateleiras circulares que diminuíam de tamanho na medida que se sobrepunham. Pareciam fruteiras antigas, altas de metro e meio. Eram torneadas na mesma madeira preciosa dos outros ornatos. Também serviam para exposição das salsicharias, queijos e vitualhas. Na parede do fundo abriam-se duas portas para entrada dos detrás do café: copa, cozinha, depósitos. Entre estas, de passagem, as dos armários em cujas prateleiras ficavam os espíritos. Via-se através dos vidros renques das garrafas empalhadas do "Chianti" e do "Nebiolo Gran Espumante", [...]. Em cima destas estantes via-se um largo painel de madeira preciosamente entalhado. No centro, relógio redondo do tamanho duma lua. [...] Esse painel de madeira era reluzente da limpeza e do verniz avermelhado que o lustrava. Do mesmo material e sempre ao fundo era o balcão com a máquina registradora e embaixo mais armários cheios das delicadezas de confeitaria [...]. As paredes laterais eram cobertas de espelhos onde se escrevia com tinta branca, ou rósea, ou azul – as especialidades do dia. [...] Saudade. Literatura, escultura, pintura, filosofia, sistemas políticos, religião, religiões, tudo passava nas conversas do grupo. Também política e mais a oposição sistemática ao governo, o achincalhe do legislativo, executivo e judiciário. Confidências sobre as amadas. Planos de saque com os agiotas. Projetos de "descer" ou não "descer", de noite. Havia silêncios também. Suspiros ranger de dentes e dor de corno [...].*[9]

Ali havia uma sala secreta, chamada de "sacristia", com acesso independente pela passagem lateral, "discretíssima". O tal cômodo dava na copa mais ao fundo e era onde "[...] vinham tomar sua cervejinha e sua cachacinha os homens de respeito de Belo Horizonte. Até Secretários, até Desembargadores traçavam ali seu porrinho [...]". (NAVA, 1978, p. 101)

---

[9] NAVA, 1978, p. 99 e 100

Em muitas passagens dos seus livros de memória, Pedro Nava critica com certa ironia essa velada hipocrisia da tradicional família mineira que tudo recrimina, censura e proíbe, mas tem às escondidas os mesmos atos e comportamentos que veementemente censura nos outros. Além dos casos de respeitáveis senhores no cômodo do fundo do Estrela bebendo o que não têm coragem de beber na vista de todos, outros no Bar do Ponto tomavam sua cachacinha em pudicas xícaras de chá ou café, com a "cumplicidade amiga" dos garçons e gerentes dos estabelecimentos.

Entretanto nos anos vinte do século vinte os costumes começavam a ser balançados pelos ventos das mudanças, e a liberdade feminina começa a aparecer como lembra Nava:

> *Uma certa liberdade feminina começava a apontar. Vinha de trás, com os cabelos à la garçone. Exagerava-se agora, as nucas sempre nuas mas, aos lados, os accroche-coeurs em ganchos cada vez maiores e colados às bochechas. Sua forma era mantida a cosmético de bigode, gomalina ou simplesmente a goma de quiabo. Os chapéus femininos eram pequenos, enterrados até os olhos, cobrindo as orelhas, descendo à nuca...*[10]. (ver fig.13):

[10] NAVA, 1978, p. 322.

Figura 13: “As três Rainhas de Belo Horizonte”, 1927.
In: Sedução do Horizonte. Op. cit., p. 99.

E assim continua: “As saias subiam cada vez mais generosamente – estavam nos joelhos”. Mais ainda: “Influência do cinema, nos bailes começaram a surgir decotes feito os das artistas americanas [...]”. E ainda: “usávamos cabelos colados à Valentino, colarinhos à John Barrymore, ternos à Thomas Meighan...” (NAVA, 1978 , p. 323). Nesses anos 1920 toma posse o novo Presidente do Estado - Antônio Carlos Ribeiro no Palácio da Liberdade (fig. 17), quando se dá a criação da Universidade de Minas Gerais (1927).

Em meados da década de 1920, intelectuais, escritores e boêmios levavam uma vida de noitadas e farras. Na companhia de seus pares freqüentavam os cinemas, dos quais preferiam o Odeon - na rua da Bahia (fig.14); nos segundo andar do Odeon funcionava o Clube Belo Horizonte, com suas salas de jogos, sala do café e salão de baile. Depois tinha lugar a costumeira passada no Café Estrela onde se reuniam os amigos e escritores do incipiente grupo modernista; e, finalmente, depois de passar por quase todos esses locais na mesma noite, *desciam*... “[...] a partir das dez e meia da

noite. Dessa hora em diante, *descer* era fazê-lo para os cabarés, os lupanares - para a zona prostibular da cidade, em suma" (NAVA, 1978, p. 54).

Figura 14: Cinema Odeon e Clube Belo Horizonte – Rua da Bahia
In: Belo Horizonte: bilhete postal Coleção Otávio Dias Filho. Op. cit., p. 127.

A rua causava verdadeiro fascínio nos moradores de Belo Horizonte, principalmente nos jovens, e era, desde os tempos de sua inauguração, o espaço por excelência das relações sociais e de lazer. "Ruávamos quase o dia inteiro. Nossa vida era um ir e vir constante nas ruas de Belo Horizonte" (NAVA, 1978, p. 255). E não era exclusiva dos desocupados ou boêmios a freqüência à rua. Tendo a rua da Bahia como protagonista entre todas as demais, os freqüentadores variavam de acordo com as horas do dia. Segundo Nava "havia a Bahia da manhã, a do dia, a do entardecer, da noite, da madrugada de voltar da zona ou da madrugada de sair cedo[...]".

> *Logo de manhã cedo as ruas de Belo Horizonte se enchiam das beatas das missas diárias, depois dos operários seguidos dos estudantes e das caras escavacadas dos que tinham "ficado" e àquela hora voltavam para casa. Passava o bonde especial do Santa Maria cheio de moças em flor [...]. O movimento morria um pouco para retomar mais nutrido quando acabavam as aulas matinais nas faculdades e os moços vinham espairecer entre a Praça Sete e o Bar do Ponto [...]. Era o local escolhido pelos funcionários já almoçados e que chegavam para um "bondezinho" nos cafés e à beira das*

calçadas, peneirando as saias que passavam. Sumiam de repente estudantes para suas moradas e os burocratas para suas repartições. Mas a rua ficava sempre com criaturas em disponibilidade permanente, encostadas às portas dos cafés, fumando, tomando sua cachacinha, cortando no próximo. Rareavam mais um pouco até cerca de duas horas quando apareciam mais desocupados e senhoras e moças indo às compras. De quatro às cinco aumentava a população com os funcionários que desciam Bahia e voltavam àquele umbigo urbano para uma palestrazinha e o aperitivo camuflado no Balila, no Colosso, no Estrela, no Fioravanti, no Trianon, no Bar do Ponto. Mas já os bondes enchiam e saíam para as duas direções da cidade cheios de pingentes. A Família Mineira ia jantar. Essa era a hora morta das ruas quase vazias e onde a vida restante se concentrava nas brasserias citadas acima [...]. Mas já iam começar os cinemas e o centro enchia-se de cavalheiros, senhoras, famílias e estudantes em magote à porta do Odeon [...]. [11]

Percebe-se, pelo descrito acima, a dinâmica do modo de viver em Belo Horizonte, especialmente no que diz respeito ao espaço da rua. A rua como extensão da casa, mas nunca um espelho desta. A rua dos eventos públicos e sociais mais cotidianos, do estabelecimento das relações pessoais e do teatro das aparências. A dualidade rua-casa, ou privado-público, se faz muito notável pelo contraste percebido na descrição dos espaços internos repletos de um conservadorismo tradicional, enquanto a rua é lugar cosmopolita e diversificado nas suas múltiplas possibilidades de ações, encontros e interações. A cidade que surge nesse choque de opostos é um cenário típico de modernidade do início do século XX, lugar de uma cultura em rápida transformação, mas de uma sociedade ainda apegada aos seus valores mais tradicionais arraigados nos modos de viver do século anterior.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idéia central desse trabalho foi buscar formar um breve panorama dessa cidade que se erigiu na poeira do Curral D'el Rey no começo do século vinte, do ponto de vista de seu cotidiano, do modo de vida de seus habitantes e das residências de então. Tentamos mostrar a cidade não só como mero cenário, um pano de fundo urbano e arquitetônico para os fatos, mas como integrante importante deles. Percebemos que, passados quase 113 anos da

[11] NAVA, 1978, p. 268.

sua inauguração, Belo Horizonte quase nada apresenta que possa lembrar suas origens. Não nos referimos somente aos edifícios e aos monumentos demolidos, mas a todo um conjunto de características que inclui desde o traçado urbano, já bastante modificado; os palacetes e as casinhas mais simples; os meios de transporte e suas vias; passando pelos hábitos, atividades e até os costumes dos seus moradores. Todo o conjunto daquela Belo Horizonte dos anos de 1910, 1920 até 1930 e o que representava para seus habitantes de então forma uma tênue mas visível imagem em nossas mentes.

Os modos de vida em Belo Horizonte no começo do século passado diferiam muito dos modos de vida atual. Havia uma vida social que acontecia no espaço da rua, espaço de trocas e de socialização. A vida íntima se dava no espaço da casa, resguardada entre paredes A informação chegava mais lentamente às pessoas via telégrafo, correio, imprensa e rádio (raro). O tempo não parecia tão escasso como hoje, o que acabava por conferir grande importância ao contato pessoal e às conversas entre pares e aos debates entre rivais. Imperavam comportamentos ainda calcados num conservadorismo do século XIX, onde os hábitos “condenáveis” eram escondidos e tolerados com certa hipocrisia, para desgosto dos mais “modernos”. Apesar dos avanços tecnológicos (abastecimento de água, energia elétrica, bondes, etc.), esse comportamento tradicionalista conferia ainda um certo ar provinciano à capital, mas não duraria muito, pois a partir do final dos anos 30 a modernização veio e chega ao auge na administração de Juscelino Kubistchek e suas idéias modernistas. Queríamos lançar luz sobre os primeiros anos da capital de Minas Gerais, para que entendendo melhor as suas origens, possamos refletir com mais acerto sobre a cidade de hoje e os modos de nela viver e morar.

BIBLIOGRAFIA

Álbum de Minas Gerias. Os municípios, 1925 (parte 1).

Álbum de Minas Gerias. Os municípios, 1925 (parte 2).

CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.). *Arquitetura da Modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 309 P.

Álbum de vistas locaes e das obras projectadas para a edificação do engenheiro chefe Aarão Reis,/1997. Belo Horizonte: Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte, 1997/ Porta-fólio.

BARRETO, Abílio. *Belo Horizonte memória histórica e descritiva – vol. 2*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996. 913 p. (2ª ed).

Bello Horizonte: bilhete postal Coleção Otávio dias Filho. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 204 p.

Belo Horizonte e o comércio: 100 anos de história. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. 73 p.

DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: Horizontes Históricos*. Belo Horizonte: C / Arte, 1996. 344 p.

MAGALHÃES, Beatriz de Almeida e ANDRADE, Rodrigo Ferreira. *Belo Horizonte: um espaço para a República*, Belo Horizonte: UFMG, 1989. 216 p.

MENEZES, Ivo Porto. *Belo Horizonte, residências, arquitetura*. Belo Horizonte; Grupo Geraldo Lemos Filho, 1997. 153 p.

MOURA, Maurício I. Pinta de. *Primeiras Casas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura – Universidade de Minas Gerais, 1961.

NAVA, Pedro. *Balão Cativo: memórias / 2*. . Ed. . Rio de Janeiro: José Olympio, 1973; 9ª. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial/ Giordano, 2000. 338 p.

NAVA, Pedro. *Beira Mar: memórias / 4*. 2ª. Ed. . Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. 408p.

NAVA, Pedro. *Chão de Ferro – Memórias / 3*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976. 357 p.

NAVA, Pedro. *Galo das Trevas: memórias / 5.* 2ª. Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981. 489p.

O fim das coisas – As salas de cinema em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura, Centro de referência audiovisual CRAV. 1995.

Omnibus: uma história dos transportes coletivos em Belo Horizonte. Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996. 380 p.

Parque Muncipal – Crônicas de um século. Belo Horizonte: Companhia Vale do Rio Doce CVRD, 1992.

Sedução do Horizonte. Organização, pesquisa e introdução Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1996. 244p.

Sete Décadas: a história e a vida de Minas em retrato. Belo Horizonte: Estado de Minas.

SILVIA, Luiz Roberto da. Doce Dossiê de BH. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1998. 296 p.

SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. 124 p.

SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades tardias*. . Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 225 p.

TEIXEIRA, Carlos M. *Em obras: história do vazio em Belo Horizonte*. São Paulo: Cosac Naify Edições. 336 p.

VIVACQUA, Eunice. *Salão Vivacqua – Lembrar para lembrar*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais – Fundação João Pinheiro, (Coleção Centenário), 1997. 144p.